

RECENSÃO CRÍTICA DE “DIANTE DE GAIA? CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR AS
CIÊNCIAS, CULTURAS E EDUCAÇÃO” (2020) DE BRUNO LATOUR

CRITICAL REVIEW OF “FACING GAIA? CONTRIBUTIONS TO THINK SCIENCES, CULTURES AND
EDUCATIONS” (2020) FROM BRUNO LATOUR

RESEÑA CRÍTICA DEL LIBRO “¿CARA A CARA CON EL PLANETA? CONTRIBUCIONES PARA PENSAR
CIENCIAS, CULTURAS Y EDUCACIONES” (2020) DE BRUNO LATOUR

Alexandre Luiz Polizel & Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina, Universidade Federal do Paraná, Brasil
xandepolizel@gmail.com

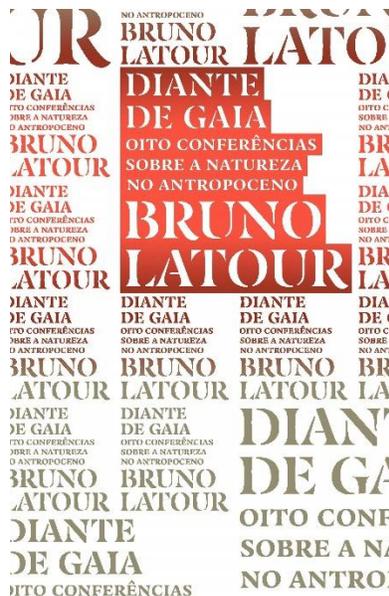


Figura 1 Capa do livro (Latour, 2020).

Bruno Latour, antropólogo, sociólogo e filósofo francês, vem há algum tempo se dedicando a compreender os modos de composição de saberes e a instauração de existências. No Brasil, ele tem sido popularizado e introduzido em múltiplos campos disciplinares, no que tange às relações que tem desenvolvido nos estudos de humanidades, laboratórios e das constituições das científicas. Os estudiosos das Ciências – em seus múltiplos aspectos das Ciências Humanas, Exatas, da Terra e da Natureza – consideram-no como sujeito de uma virada antropológica: aquele que voltou o olhar aos laboratórios europeus e os considerou simétricos aos estudos realizados com ‘populações autóctones’. Tal virada colocou-o como sujeito que

empresta bases epistemológicas, metodológicas e das 'ações-redes' para produzir giros nos modos de produzir Ciências (e educações).

Vê-se, neste sentido, que suas obras ganharam visibilidade, visto que são adotadas e se consolidam no desenvolvimento de analíticas de como os saberes e conhecimentos são produzidos em suas especificidades-singularidades como produções (e produtoras) culturais.

Vê-se que no Brasil essa popularidade tem sido guiada a partir de suas obras: *Jamais fomos modernos* (1994), *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora* (2000), *A esperança de Pandora – ensaios sobre a realidade dos estudos científicos* (2017), *Políticas da Natureza – como associar as ciências à democracia* (2004), *Reagregando o social: uma introdução a teoria ator rede* (2012), *A fabricação do direito – um estudo de etnologias jurídica* (2020), *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos* (2019) e *Júbilo ou os tormentos do discurso religioso*, dentre outros ensaios, entrevistas e livros ainda em tradução. Esses manuscritos tornaram-se ponto de passagem, encruzilhadas para aqueles que têm estudado as mediações coletivas-constitutivas no mundo contemporâneo.

No ano de 2020, evidenciamos uma ampliação das possibilidades de pensar com Bruno Latour a publicação da obra traduzida *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno*, publicada em uma parceria articulada pela UBU Editoria e pelo Ateliê de Humanidades Digital. Ressalta-se que este livro coloca o pensar os acontecimentos do presente a partir de uma temporalidade que deixa marcas na terra a partir das produções, ações e refugos (não) humanos: o antropoceno.

Bruno Latour organiza esta obra em oito conferências, produzidas em 2013, para Gifford Lectures em Edimburgo. Tais conferências são pensadas a partir de um “Novo Regime Climático” (p. 9) que nos coloca a pensar uma escolha existencial: “manter a modernização apesar de tudo; cambaleiar rumo a uma mudança ecológica, por mais dolorosa que seja; ou ainda negar a situação e fugir, em um escapismo cada vez mais descabido” (p. 9).

Para traçar reflexões que nos colocam *de front* com tal questão ontológica, nos coloca em face à Gaia: representação da finitude, as reações dos não humanos (e humanos) que compõem a terra, do fim da terra prometida pela modernidade, de um recomeço ecológico (em planos subjetivos, sociais e ambientais), salientando que Bruno Latour organiza e apresenta tais questões e atravessamentos em oito conferências.

Primeira Conferência: Sobre a instabilidade da (noção) de natureza. Nesta, Latour reflete acerca da “mutação da relação com o mundo” (p. 23), de novas relações ecológicas que nos colocam a questionar e refletir sobre os usos cínicos da ideia de crise e de sua falsa sensação de que “isso vai passar” (p. 23), bem como de Ecologia como algo que se refere a outros “seres da natureza vistos de longe” (p. 23). Contudo, Gaia reage a nossas ações e apresenta as limitações do cinismo, colocando um novo regime climático em voga – como novas condições, relações e agenciamentos das materialidades e possibilidades existenciais-experienciais–, assim, convida a “maneiras de a Ecologia nos enlouquecer” (p. 28): dos (climato)negacionistas, quietistas, dos retrógrados e dos desesperados. Apresenta as construções das (noções) de natureza em dicotomia com a cultura e a sua instabilidade. Convida-nos, dessa forma, a pensar um Novo Regime Climático por outras noções não dicotômicas, mas enredadas, ecológicas...

Segunda Conferência: Como não (des)animar a natureza. Nesta, o pensador irá nos instigar a pensar as “verdades inconvenientes” (p. 75) que nos mobilizam a refletir e manter as controvérsias em movimento, que nos instigam a “expressões híbridas” (p. 76) e a uma epistemologia que não se espante e paralise com a “imensa complexidade dos dispositivos científicos capazes de estabelecer medidas confiáveis” (p. 79). O convite é para pensar a potência

geológica e suas respostas que nos dizem algo, “descrever [estas respostas] para alertar” (p. 83). Para tal, o caminho situa-se não na assimetria entre humanos e não humanos, mas no pensar suas ações de modos híbridos, agenciados, coletivos, em rede. Esta óptica das ações, simétricas, em redes existenciais, nos oferece a possibilidade de repensar uma terra que se move, encontra-se animada, encantada.

Terceira Conferência: Gaia: uma figura (enfim profana) da natureza. Bruno Latour segue neste convite do pensar a natureza no Antropoceno, trazendo à cena Galileu e Lovelock, introduzindo a partir de uma hibridização entre história da ciência e ficção – se é que é possível separá-las – a constituição de uma taxonomia de Gaia como uma linha de força-conceito. “Gaia, Gé, Terra, não é uma deusa propriamente dita, mas uma força que antecede os deuses” (p. 136), é trazida como algo que antecede os seres, pois estes são uma produção em ação, e Gaia são as formas climáticas-materiais-terranas nos quais os seres se compõem. Gaia, contudo, não deve ser pensada como um “‘Sistema’, ‘homeostase’, ‘regulação’, ‘limites favoráveis’” (p. 157), na verdade, estes “são termos muito perigosos” (p. 157). Não há superorganismo, engenheiro, parcialidade ou totalidade na noção de Gaia latouriana; o que há é uma noção de unidade em redes, conexões, instaurações de ‘ambientes’. Gaia é, assim, uma resposta ao antropomorfismo, é a apresentação de seus limites e das consequências produzidas pelas ações que deixam marcas na crosta terrestre. Há uma centralidade nesta conferência do situar Gaia como conceito, era, existência...

Quarta Conferência: O Antropoceno e a destruição (da imagem) do Globo. Bruno Latour passa em sua quarta conferência a refletir sobre a conceituação de Antropoceno, expondo as disputas do pensar esta como uma localização geológica no tempo, e os modos como a controvérsia tem sido tratada. Aparentemente, para os geólogos, é preciso decretar o fim do Holoceno para datar o Antropoceno, o binarismo/dicotomia mantém a controvérsia. A questão a ser considerada é que “Não se trata mais da paisagem, do uso da terra ou do impacto local. Agora a comparação é estabelecida com a escala dos fenômenos terrestres” (p. 187), pelas respostas e procuras que devem voltar o olhar às “ruínas sedimentares” (p. 188). O pensador nos coloca a pensar que talvez esta deva ser a “ocasião ideal para desagregar as figuras do homem e da natureza” (p. 194), redefinir os papéis e a “confusão entre a ciência e o globo” (p. 203). O convite do Antropoceno volta-se a pensar as existências a partir da noção de “composição” (p. 227).

Quinta Conferência: Como convocar os diferentes povos (da natureza)? O autor segue, então, a pensar esta composição, em sua quinta conferência, na conexão das múltiplas cosmologias. Ele reflete a partir de Thomas Hobbes a cosmologia como um contrato, pacto, produção que instaura as dinâmicas de existência. Contudo, traça críticas à noção de que esta pactuação do mundo seja orientada pelas “religiões da natureza” (p. 240), das visões “englobantes” (p. 240) guiadas por dicotomias, promessas modernas, pelas “guerras dos deuses” (p. 243). Bruno Latour convida-nos, com este capítulo, a refletir as diplomacias, os processos de negociação e as mobilizações coletivas como modos de convocar os diferentes povos a criar-inventar outras realidades e escutar-agir com Gaia.

Sexta Conferência: Como (não) terminar com o fim dos tempos? Para refletir tais mobilizações com Gaia, no Antropoceno, com os diferentes povos, somos levados a refletir sobre a questão do fim, da finitude. O olhar latouriano caminha a nos fomentar reflexões que temos feito sobre o “fim dos tempos” (p. 290), sempre narrando, ficcionalizando e produzindo os fins. Da origem religiosa ao projeto de “trazer o paraíso para a terra” (p. 305), o fim tem sido produzido como um momento crucial, um outro tempo e mundo para se viver melhor. Das promessas religiosas às modernas residiam uma “crença garantida de que deve haver dois mundos muito

separados, o de aqui-embaixo e o do além” (p. 318), destacando que este mundo sempre nos parecia melhor. Para alguns, o fim deste tempo sinalizaria o melhor porvir. Em contraponto, os (climato)negacionistas residem neste *mundo melhor*, que fica no passado (ou na fantasia destes), logo, os que trazem as discursividades científicas para mostrar que estamos modificando o clima, extinguindo espécimes, extraindo em demasia e que o mundo não aguenta mais ousarão chamar tais discursos de “apocalípticos” (p. 341). O que Bruno Latour nos coloca a refletir nesta conferência é “Como (não) terminar com o fim dos tempos?”, como refletir sobre as finitudes e os modos de pensar os limites das existências com Gaia no Antropoceno.

Sétima Conferência: Os Estados (da Natureza) entre guerra e paz. Latour caminha ao bordar este situar-se no Antropoceno com Gaia, refletindo as discursividades do Estado de Natureza e “o fim do Estado da Natureza” (p. 348). O convite é pensar a existência “rematerializá-la [...] reterrestrializá-la [...] de volta a uma repolitização da nossa concepção de Ecologia” (p. 348-349). Para o antropólogo, “É nessa tarefa que devemos nos concentrar agora” (p. 349). Partindo de uma concepção outra das naturezas, como composições coletivas e condições da existência, convida-nos a exercitar a “boa dosagem” (p. 356) para a “identificação de territórios de luta” (p. 387) e para “desenhar os territórios dos quais dependem para existir” (p. 387). Não são abandonadas nesta reconceptualização dos Estados (da natureza) a guerra, a disputa, a luta, mas são tomadas como processos para disputas e instaurações de territórios para o existir, de territórios existenciais.

Oitava Conferência: Como governar os territórios (naturais) em luta? Por fim, o pensar latouriano nos coloca em sua última conferência a refletir o “como governar os territórios [...] no teatro de negociações” (p. 399). Latour é cirúrgico ao refletir os processos de governamentos que se apropriam da ideia de Ciência-Única-Universal e arbitram como superiores para delegar a constituinte para os Outros. Neste caminhar, é nos oferecido o pensar uma nova governança que “aprenda a se reunir sem um árbitro superior” (p. 403), estenda as “conferências das partes aos não humanos” (p. 408), multiplique as “partes intervenientes” (p. 413), redesenhe as “zonas críticas” (p. 420) existenciais, “recupere o senso de estado” (p. 431) e recupere as noções do herdar a terra e a compor aos Outros *porvir*.

Sendo assim, essas oito conferências constituem um livro potente que instiga reflexões pertinentes ao nosso papel como educadores(as) em Ciências e Tecnologias. O seu ano de lançamento, 2020, foi marcado pela pandemia COVID-19, pelo distanciamento social, pela ampliação das desigualdades e por uma grande ênfase nos movimentos chamados de negacionistas. Negam o vírus, negam a vacina, negam o distanciamento social, negam tudo o que incomoda... assim como negavam há alguns anos e, ainda negam, os fenômenos climáticos. Falamos que “**Diante de gaia**” promove reflexões pertinentes ao nosso papel como educadores(as) em Ciência e Tecnologia e promove, a todas e todos que possuem, assim como nós, um desejo pela justiça, tanto no âmbito social quanto ambiental.

REFERÊNCIAS

Latour, B. (2020). *Diante de Gaia*: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Ubu Editora.

Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Editora 34.

Latour, B. (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Unesp.

- Latour, B. (2004). *Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia*. Editora EdUSC.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Edufba.
- Latour, B. (2017). *A esperança de Pandora*. SciELO-Editora UNESP.
- Latour, B. (2019). *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*. Editora Vozes.
- Latour, B. (2020). *Júbilo ou os tormentos do discurso religioso*. Editora Unesp.
- Latour, B. (2020). *A fabricação do direito: Um estudo de etnologia jurídica*. Editora UNESP.